

COMO VAI A PEDIATRIA E COMO VÃO OS PEDIATRAS

NOTÍCIAS

Decorreu, no Auditório da Universidade de Coimbra, a 13 e 14 de Novembro de 1997, um encontro muito participado, organizado pelo Hospital Pediátrico de Coimbra, que versou temas sobre «**A Criança, a Família e a Morte**».

O programa foi o seguinte:

Dia 13 de Novembro

- 09.00h – Abertura do Secretariado
09.30h – Sessão de Abertura
Dr.ª Maria de Lurdes Chieira
A Criança, a Família e a Morte
09.45h – **...uma perspectiva histórica**
Professor Dr. Fernando Catroga
10.15h – **...Viver a morte no hospital**
Dr.ª Beatriz Pena
10.45h – Debate
11.00h – Café
11.30h – Mesa Redonda
...do ponto de vista oncológico
Moderador: *Dr. Rui Baptista*
Participantes: *Dr.ª Fátima Heitor; Dr.ª Maria do Rosário Correia; Educadora Conceição Riacho; Dr.ª Luísa Simão*
13.00h – Almoço
14.30h – **...uma perspectiva filosófico/antropológica**
Dr. Anselmo Borges
15.15h – Mesa Redonda
...do ponto de vista da doença crónica
Moderadora: *Dr.ª Jeni Canha*
Participantes: *Dr. José António Pinheiro; Dr.ª Isabel Fineza; Dr.ª Luísa Diogo; Enf.ª Margarida Viana; Dr.ª Silvina Moita*
16.30h – Debate
17.00h – Fim dos trabalhos do 1.º dia

Dia 14 de Novembro

- 09.30h – **Suicídio na Infância e Adolescência**
Dr. Carlos Saraiva
10.15h – **Risco de Morte nos Lactentes**
Dr. Luís Januário
10.45h – Debate
11.00h – Café
11.30h – Mesa Redonda
A Importância das Associações de Solidariedade Social
— «Sol»
— «Acreditar»
— Testemunhos
12.15h – Debate
13.00h – Almoço
15.00h – **Os Profissionais de Saúde: Angústias e Morte Pais e Luto**
Dr.ª Luísa Simão; Dr.ª M.ª do Carmo Santos

15.45h – Mesa Redonda

...na unidade de Cuidados Intensivos

Moderadora: *Dr.ª Georgina Maia*

Participantes: *Dr. Jorge Oliveira; Enf.ª Filomena Ferreira; Dr.ª Teresa Cepêda; Dr.ª Balbina Fernandes*

16.30h – Sessão de Encerramento

Dr.ª Beatriz Pena

Seguidamente apresentam-se as palavras proferidas, na Sessão de Abertura, pela Dr.ª M.ª de Lurdes Chieira, Directora Clínica do Hospital Pediátrico de Coimbra.

«Cabe-me a honra de abrir esta reunião dedicada à «**Criança, a Família e a Morte**» e começo por saudar a Organização e a Associação de Saúde Infantil – e cumprimentá-los pela escolha do Tema.

Efectivamente a «morte e o morrer» fazem parte do quotidiano dos profissionais de Saúde, quer sejam enfermeiros, assistentes sociais, psicólogos e outros mas nem por isso este assunto tem sido debatido entre eles. Muito menos os responsáveis pela formação pré ou pós graduada dos diversos sectores profissionais se têm preocupado, pelo menos na proporção das necessidades sentidas.

E se alguns, por características pessoais ou formação específica, gerem razoavelmente as suas «agonias», as suas «dificuldades» face à criança em estado grave e terminal e ao apoio que pensam dever prestar à família, outros, muitos, nessa circunstância adoptam atitudes defensivas, compreensíveis sem dúvida do ponto de vista humano, mas que condicionam a aceitação mais calma e tranquila do acontecimento inevitável que é a morte por parte da criança e da família.

Não quero e não saberia abordar todos os itens que este tema envolve. Queria apenas reforçar a importância dos objectivos pedagógicos que os organizadores colocaram nelas chamando um número de prelectores qualificados para abordar as múltiplas facetas do assunto: dos profissionais às crianças, às famílias, da cronicidade à situação aguda de morte inesperada, da morte súbita ao suicídio, diria, quase morte programada como único tratamento ou solução possíveis.

Em 30 anos de actividade profissional muitas vezes fui confrontada com a morte duma criança, quer por ocorrência súbita quer como ponto final na evolução dum processo patológico que fui acompanhando. Confesso que na maioria das vezes, para não dizer sempre, me senti numa situação confrangedora, mesmo dolorosamente desgastante e penosa e sempre com uma sensação remanescente de «profissionalismo incompleto» e nunca melhorado, apesar da sucessão e repetição das circunstâncias.

Nos últimos dias reflectindo sobre o tema e após alguns períodos de leitura que alguém teve a amabilidade de me disponibilizar, dei comigo a pensar que afinal os momentos em que consegui actuar ou tive comportamentos correctos face à morte ou sua previsão – fosse em relação aos familiares fosse em relação à própria criança ou jovem – foram apesar de tudo alguns. *O que concluí também é que apenas o bom senso, a compreensão e o afecto estiveram na base desses momentos conseguidos. O que não é legítimo.*

Os profissionais de Saúde de serviços que lidam mais com a morte deviam receber formação e apoio específico adequados, de modo

regular, nomeadamente apoio psicológico ou orientação psiquiátrica. Infelizmente a atitude mais frequente dos responsáveis das várias categorias (médicos, enfermeiros e outros) é assumir que um técnico está em dificuldade e proceder à sua transferência. Como tudo se resume a «cura» fácil, que é como quem diz à retoma da vulgarmente chamada «saúde mental» do profissional conseguida com «serviços mais leves» menos stressizantes ou mesmo ausências temporárias ao trabalho.

Na realidade a questão é bastante diferente: as possibilidades de cada um de nós se deparar com a morte ou suas consequências continuam a existir, e as questões que envolvem os profissionais são complexas. Sem dúvida que os técnicos podem transferir para si as

vivências a que assistem, mas particularmente e quanto a mim, eles são mais lesados porque se autocriticam e se autopenalizam por não serem capazes ou não saberem ser úteis aos doentes e aos familiares, sem perceberem que as repetidas experiências, neste caso, não conduzem sistematicamente ao melhor «know-how» de actuação.

Com estas palavras quero apenas, repito, sublinhar o interesse desta reunião, congratular-me com o excelente programa, e como responsável do Hospital faço votos que os objectivos sejam conseguidos, para bem dos profissionais, dos familiares e fundamentalmente das crianças que em qualquer idade, e em todas as circunstâncias merecem e têm direito a um acompanhamento *competente e humano*.